



APROVAR A GREVE NA LETRAS!

Pela contratação de todos os professores necessários ao curso!

A assembleia decisiva do CURSO de Letras é na quinta-feira, 14/09. Os estudantes decidirão se haverá greve por contratação de professores. Neste momento, temos a necessidade da greve enquanto método de luta.

Em primeiro lugar, observemos as exigências do próprio curso. Este se encontra cada vez mais precarizado; faltam professores para diversas disciplinas optativas e obrigatórias; alguns professores ultrapassam suas atribuições para oferecer as obrigatórias. Algumas habilitações correm o risco de desaparecer, e pode-se prever que, a longo prazo, toda a graduação em Letras esteja ameaçada.

Isto, por si só, coloca a necessida-

de de lutar pela contratação de professores. Quanto ao método, a greve é que eximirá estudantes das presenças nas aulas, nos trabalhos e provas, e permitirá que nos organizemos e pressionemos a reitoria e o governo pelas contratações, seja por meio de atos em frente a reitoria, ou nas ruas, fora da USP, para buscarmos o apoio da população assalariada contra o governo.

A reitoria e o governo estadual, ambos privatistas, não têm interesse em manter um curso de humanas, pouco valorizado pelo mercado.

Com uma greve dos estudantes de Letras – o curso mais mobilizado da USP atualmente –, podemos contagiar outros cursos, mostrando-lhes o caminho,

e contribuindo para que se aprove uma greve em toda a USP, seja diretamente na assembleia geral ou motivando cada curso separadamente. Podemos, assim, conquistar um movimento verdadeiramente unificado, que conte com todos os cursos que necessitam de mais professores, e com mais força para conquistar suas reivindicações.

Mais do que um movimento em toda a USP, os estudantes podem somar forças com outras estaduais. Algumas também se encontram em greve, e uma unidade de luta entre as estaduais paulistas fortalece o movimento para pressionar o governador Tarcísio, seja por contratação de professores, seja por outras pautas decididas pelo movimento. ■

Estaduais em greve

Todo apoio à sua luta! Pela unidade grevista para derrotar o governo e conquistar as reivindicações!

Unesp, Unicamp, ETECs e FATECs deflagraram greve recentemente.

Servidores(as) técnico-administrativo(as) da Unesp iniciaram sua greve em 08/08, reivindicando, principalmente, equiparação salarial com a USP. Funcionário(as) da Unesp recebem até 40% menos que os da USP para exercer as mesmas respectivas funções. A reitoria se comprometeu a pagar duas referências (c. 10%) a todos no início de outubro. As assembleias de base, no entanto, avaliaram que a proposta do reitor é insuficiente, e mantêm a greve.

Funcionários da Unicamp aprovaram, em 24/08, greve dos(as) servidores(as) técnico-administrativo(as), com uma

Pauta Específica de reivindicações da categoria, sendo a principal bandeira o repúdio ao ponto eletrônico que a reitoria tenta impor.

Funcionário(as), docentes e auxiliares docentes das ETECs e FATECs iniciaram greve em 08/08, suspensa pelo Comando Central de Greve em 21/08. Agora, lutam para que o governo do estado não desconte de seus salários os dias de greve. A greve no funcionalismo público é um direito garantido por lei, mas frequentemente atacado pela política burguesa, devido à efetividade do método. ■

A FALSA DISCUSSÃO SOBRE O PIQUETE

Diante da necessidade da GREVE estudantil para pressionar a reitoria e o governo a contratarem os professores necessários para manter o funcionamento do curso, partiu, principalmente de uma parte dos professores, uma campanha contra o piquete. De forma enganosa, afirmam que o cadeirão no prédio – assim apresentam errada-

mente uma única forma para o piquete – seria antidemocrático, violento, impositivo, etc. Essa campanha apresenta uma falsa polêmica, entre os favoráveis ou contrários ao piquete em geral.

O que existe de fato, por trás da cortina de fumaça lançada, é uma campanha em favor do “direito” dos fura-greves de preservarem seus inte-

resses particulares (alguns inconfessáveis), à revelia e passando por cima das necessidades e decisões da maioria. E uma pressão para que os estudantes em movimento se subordinem às diretrizes dos professores, que não estão em movimento. Antes de mais nada, o movimento dos estudantes se fortalece com o apoio dos professores.

Mas o apoio ao movimento não pode ser condicionado à subordinação aos docentes, senão, deixa de ser apoio para se tornar em ingerência.

O QUE É O PIQUETE DE VERDADE?

O movimento estudantil assimilou a forma organizativa de luta do proletariado, as greves, e com elas suas formas organizativas. As assembleias gerais são o principal meio de organizar a mobilização, pois, permitem que se discutam as propostas, se as votem, e se as ponham em prática. Essa é a forma mais democrática já desenvolvida, a da democracia direta – quem discute e decide também põe em prática as decisões.

Mas é normal e legítimo que as decisões sejam tomadas em votações de maioria e minoria. A soberania das decisões das assembleias exige que a minoria aceite as decisões práticas da maioria, sem precisar mudar de opinião. E a assembleia deve organizar as formas de garantir as decisões práticas majoritárias, de forma a preservar a unidade da mobilização, que é seu único meio de força coletiva. A quebra da unidade prática coletiva serve ao enfraquecimento e derrota do movimento.

É por isso que se organizam os piquetes: são meios de preservar as decisões da maioria, dificultando sua quebra pela minoria fura-greves, que só age em função de seus interesses particulares. Os piquetes têm muitas formas, não são somente cadeiraços.

AS FORMAS DOS PIQUETES CORRESPONDEM AO GRAU DE COESÃO DOS MOVIMENTOS

Quando se organizam, os movimentos têm diferentes graus de coesão. Se existe uma quase unanimidade ao redor das decisões práticas, quase que não existe necessidade de piquete, ou eles são muito elementares. Para tomarmos uma experiência concreta, a greve de 2002, de 106 dias, fez piquetes no prédio, muitas vezes com apenas um estudante na porta. Isto porque havia um grau de coesão em que a greve foi aprovada com 95% dos votos no noturno, por exemplo. Somente houve um grupo de fura-greves organizado no período da manhã, por um setor da então direção do Caell, mas que se desintegrou, diante da unidade do movimen-

to grevista. A greve de 2000, que era por salários de professores e funcionários, teve o movimento estudantil à frente da mobilização, com comandos de greve com mais de 300 estudantes, que percorriam a universidade e faziam um piquete sonoro (bumbo e palavras de ordem), prédio por prédio, de dia e de noite, até que somente a FEA se manteve em aulas – a Poli, a Medicina e o Direito também paralisaram. Essa greve conseguiu o reajuste salarial, depois de 56 dias, arrancando-o da reitoria e do governo. Outras greves na Letras usaram o cadeiraço, como bloqueio físico contra a insistência de fura-greves em manter aulas e outras atividades no prédio. Há também o piquete de convencimento, de ocupação de salas de aula fura-greves, de trancamento de salas e biblioteca, todos eles já utilizados pelo movimento, na Letras e na USP.

Quem decide que forma deve ter o piquete é a assembleia, que avalia a coesão e as necessidades do movimento, de forma autônoma em relação aos professores, e estabelece como se vão garantir as decisões da maioria. Essa é de fato a democracia, e não o “direito” dos fura-greves de minarem o movimento a partir de suas necessidades particulares.

POR QUE PROFESSORES FAZEM CAMPANHA CONTRA PIQUETES

Muitos professores participaram ativamente da greve de 2002, apoiando os estudantes em greve. Participaram inclusive de aulas públicas na cidade, como em frente ao Teatro Municipal, ao prédio da Gazeta, na Av. Paulista, e em outros locais. Ajudaram a elaborar a reivindicação de claros, a partir das necessidades concretas dos departamentos e áreas. O seu apoio foi sempre bem-vindo, e fortaleceu a luta estudantil pelas contratações. Ainda na greve de 2002, porém, após a proposta da reitoria de contratação de 46 professores para a FFLCH, e depois das férias de julho, professores deixaram de apoiar a greve e pressionaram pela volta às aulas, com ameaças, até mesmo nos jornais. O argumento discutido entre eles, na Congregação, por exemplo (sob testemunho de representante discente ali) era o de que mais contratações levariam a

uma mudança na correlação de forças políticas entre os departamentos e áreas na faculdade.

Alguns professores, hoje, não aceitam que os estudantes decidam como deve ficar o prédio durante a greve. Para além dos interesses quanto docente, há os aqueles de controle de recursos (verbas), ligados à entrega de relatórios, organização dos grupos de pesquisa, etc. Não apenas não apoiam o movimento (embora possam mentir, porque na boca cabe tudo), mas pretendem subordiná-lo aos seus interesses particulares. Para alguns deles, pouco importa se não há professores suficientes em outras áreas ou departamentos, ou na sua própria. Pouco importa se o curso deixa de ofertar a graduação e passe a ser apenas de pós-graduação. Sua vida e trabalho – assim como seus pensamentos – estão condicionados pelas relações materiais a que está vinculado. O corporativismo e a subordinação material arrastam outros professores para a posição antigreve, ou antipiquete, que estão no mesmo campo concretamente, apesar dos palavrados diferentes.

Alguns professores chegam a utilizar seu controle sobre bolsas de iniciação ou pós-graduação para pressionar estudantes a defenderem suas “ideias” no interior do movimento estudantil. Ou mesmo sua autoridade na sala de aula, sobre as presenças e sobre as notas para fazê-lo. Usam ainda de sua autoridade acadêmico-científica como palanque para agir sobre os estudantes.

O movimento estudantil deve preservar sua autonomia, que é um dos fundamentos para sua unidade e força. A autonomia pressupõe as decisões soberanas das assembleias, a subordinação da direção do Caell ou de outras comissões a elas, assim como sobre as posições dos professores, cujo apoio fortalece a luta, mas cujas pressões antigreve ou antipiquete devem ser recusadas. ■

Pela soberania das assembleias!

Pela autonomia do movimento estudantil!

Aprovar a greve e decidir coletivamente as formas de sua organização e ação!